



Um pouquinho de delicadeza, por favor!

Se fosse aceitar a opinião de algumas amigas, não escreveria sobre o tema deste mês. Fora de moda! Esquecido! – as opiniões dividiam-se. Indiferente aos comentários, insisti no assunto e cheguei à conclusão de que ele não está nem fora de moda, nem esquecido; na verdade, somente um pouco acuado em um mundo em que predominam o individualismo e a indiferença. Refiro-me à delicadeza. Aonde ela anda? Já perceberam que, a cada dia estamos mais carentes de gestos de delicadeza?

No cotidiano, reclamações não faltam: é o trânsito caótico, o excesso de trabalho, o elevador que não chega, a corrupção na sociedade, enfim, motivos não faltam para justificar a falta de delicadeza e tornar o viver cada vez mais dificultoso. Esses fatores, somados a outros particulares, também nos impedem de ter um olhar de delicadeza para a vida e para as pessoas com as quais convivemos, seja no ambiente familiar, seja no trabalho. Uma pena, pois gestos de delicadeza seriam antídoto contra o individualismo e contra a depressão – doença considerada a pandemia do séc. XXI, para alguns psiquiatras.

Não só acredito como tenho certeza de que podemos mudar esse cenário, visto que podemos regar o dia a dia com gotas de delicadezas e sem muito esforço. Vejamos: no núcleo familiar, dividir tarefas. Prestar atenção no dito e no não dito, nos olhares. E mais, não esperar o outro pedir o que deveria ser espontâneo. Isso inclui não só as tarefas acima como outras atenções tão necessárias para uma vida mais harmoniosa e de companheirismo. No trabalho, desnecessário aprofundar sobre a necessidade de gestos de delicadezas para dar um toque de leveza em alguns ambientes visto que muitos estão aglomerados de indelicadezas, seja na ausência de um simples bom dia, seja na pressa que atropela, seja no olhar que não enxerga o outro. Isso mesmo, enxergar o outro é um desafio difícil para algumas pessoas.

Nesse contexto, a delicadeza pede passagem e, de braços dados com algumas pessoas, instala-se em alguns recantos ensinando que tão importante quanto os resultados é a maneira como conduzimos o trabalho. Sejamos, então, a mudança que desejamos no mundo, como disse Gandhi – o líder pacifista. Às vezes, é preciso desaprender para crescer; nesse caso, desaprender as indelicadezas, muitas delas, talvez aprendidas na infância seria um bom caminho para que pudéssemos praticar atos de delicadeza no dia a dia. A delicadeza, diferentemente do que muitos pensam, só vai deixar a pessoa mais forte, mais respeitada. O Marechal Rondon, além de seu trabalho de desbravar terras, tornou-se famoso com sua frase coberta de delicadeza que marcou seu contato com a população indígena “Morrer se preciso for, matar nunca”. Obrigada poeta e escritor Afonso de Romano Sant’Anna por reavivar-me a memória.

Tão importante quanto aprender matérias do currículo, crianças e jovens deveriam aprender a importância da delicadeza para a construção não só de uma sociedade mais harmoniosa, como também para o seu crescimento pessoal. Deveríamos ensiná-los a se colocarem no lugar dos outros em caso de dor e de problemas do cotidiano para que a indiferença e a indelicadeza fossem abolidas da sociedade. Esses ensinamentos deveriam ser o alicerce para a construção de um ser humano com disposição para amar os outros e a si mesmo. Aprendi que delicadeza não é só uma questão de ética, mas também de estética. Delicadeza deveria ser espontânea, jamais forçada ou explicada.

Não nos esqueçamos, ainda, da delicadeza com a cidade onde moramos. Que tenhamos a sensação de pertencimento, pois, assim o nosso olhar para ela e, particularmente, para o bairro onde moramos será de cuidado, de zelo. Pois é, em um mundo tão conturbado, de tanta pressa, falar de delicadeza parece mesmo fora de moda. Mas ela ainda existe, não é ficção; ela sobrevive timidamente nas pequenas atitudes de anônimos que circulam pelas cidades, nas palavras e nos gestos de um colega de trabalho, ou de um filho, precisamos é parar um pouco para enxergarmos as delicadezas dos dias. Por isso, leiamos a mensagem do mestre Rubem Alves “Por causa desse tempo misterioso, é preciso amar cuidadosamente com o olhar, com os ouvidos, com a mão que tateia para não ferir...enquanto há tempo”. Eu acrescentaria: Um pouquinho de delicadeza...enquanto há tempo!

Prof^a. Sueli Palma



Novidades do mês



A Falência – Julia Lopes de Almeida



Sobrevivendo no Inferno – Racionais MC'S



O Construtor de Pontes – Markus Zusak



Citações

Aprendi que minhas delicadezas nem sempre são suficientes para despertar a suavidade alheia e, mesmo assim, insisto (**Caio Fernando de Abreu** – jornalista, dramaturgo e escritor brasileiro).

Eu gosto de delicadeza. Seja nos gestos, nas palavras, nas ações, no jeito de olhar, no dia a dia e até no que não é dito com palavras, mas fica no ar... (**Manuel Bandeira** – poeta Brasileiro).

A delicadeza e a dignidade é o próprio coração que ensina e não um mestre de dança (**Dostoiévski** – escritor, filósofo e jornalista do Império Russo).

A fineza do espírito consiste em pensar com honestidade e com delicadeza (François de La Rochefoucauld – escritor, moralista e pensador francês).



Sugestão Cultural

Livro: Sueli Brás Monteiro da Palma, professora corretora de redação, indica a leitura do livro de Margaret Atwood, *O Conto da Aia* no qual os Estados Unidos não existem mais como conhecemos, tornou-se a República de Gilead – um estado patriarcal pautado no fanatismo religioso. A história é narrada em primeira pessoa por Offred – uma Aia cujo nome verdadeiro lhe fora roubado; as mulheres são destituídas de seus nomes reais e nomeadas de acordo com o Comandante para o qual trabalham.

Trata-se de uma literatura distópica sobre um futuro em que um estado patriarcal dividiu a sociedade em castas bem definidas e cerceou o direito de inúmeras classes menos favorecidas, principalmente o direito das mulheres. Uma leitura tensa e preocupante, pois mostra que os “direitos adquiridos” não são para sempre e que, de uma hora para outra, podemos perdê-los. Assustei-me não só com o enredo, mas principalmente por ter constatado que os absurdos da República de Gilead ainda rondam o mundo real: racismo, homofobia, machismo etc.

Filmes: **12 ANOS DE ESCRAVIDÃO** – baseado na autobiografia de Solomon Northup, um homem negro que nasce livre no estado de Nova Iorque, no norte dos EUA, mas é capturado e vendido como escravo em Louisiana, onde trabalha por 12 anos.

Diretor: Steve McQueen

Ano: 2013

Origem: EUA

GATTACA – Aborda um futuro não muito distante, em que a sociedade é formada por indivíduos frutos de manipulação genética. Neste mundo, a maioria foi concebida em laboratório tendo seus genes estrategicamente escolhidos a fim de produzir seres humanos perfeitos.

Diretor: Andrew Niccol

Ano: 1997

País: EUA

Parabéns a todas nós, mães, pelo nosso dia. Que ele seja repleto de alegria e de delicadeza!

(Sueli Palma)

Texto do mês

Política da Delicadeza – Paulo Busse Ferreira Filho

Adaptação

Toda educação deveria começar por ensinar às nossas crianças a importância fundamental da delicadeza, em todos os contextos, situações e relações que a vida lhes apresenta. Muito mais importante do que saber português, matemática ou geografia, por exemplo, ou do que ser capaz de passar no vestibular, construir carreira e ganhar dinheiro. Deveríamos ensiná-las a desenvolverem a qualidade da empatia de se imaginarem no lugar de outras pessoas, e de tratá-las sempre bem e com respeito absoluto, por princípio e como ponto de partida para qualquer atividade ou relação pessoal ou social que nos envolvam.

No mundo hostil e agressivo em que vivemos, onde a ambição fútil, desmedida e desenfreada é ainda muito bem vista, estimulada e até premiada, levando a comportamentos marcados por uma competitividade fria, selvagem, aética e desesperada, é preciso coragem para ser delicado e abster-se de gestos e palavras mais ríspidos e violentos.

Precisamos reaprender - e ensinar nossas crianças - a olharem e enxergarem o outro à nossa frente, a imaginar o que seria estar na sua pele. Em nossos meios mais diretos e familiares, com as pessoas mais próximas, nossos pais, filhos, esposas e maridos, mas também em nossa rua, bairro, cidade e país. No mundo. Deveríamos recuperar ou desenvolver a qualidade, hoje rara, de nos imaginar na situação dos refugiados e perdidos da Síria, do Afeganistão ou de países africanos, por exemplo. Imaginar o nível de sofrimento em que se encontram neste instante, as situações e experiências terríveis que estão a vivenciar. Esta qualidade de nos identificarmos com os outros, próximos ou distantes, semelhantes ou diferentes, deveria ser ensinada e estimulada em nossos lares e escolas. Antes e como fundamento essencial de todas as outras matérias.

A tão sonhada e propalada paz no mundo só assim será conquistada. Nenhum projeto de política pública ou diploma de grande universidade servirá se não estiver solidamente fundamentado em princípios como esse.

O que tem faltado é delicadeza. A delicadeza original que aprendíamos em casa, e mais tarde desaprendíamos no colégio. A delicadeza de tratar bem as pessoas, em qualquer contexto ou situação. Absolutamente todas as pessoas, mesmo aquelas de quem, por alguma razão, não gostemos tanto. Este é um problema que permeia todos os âmbitos de nossas vidas, os contextos familiar, social, profissional e, claro, a política. Os ânimos se exaltam facilmente e simplesmente não nos controlamos, partimos logo para o ataque, discutimos e brigamos. Tornamo-nos agressivos, violentos. Nas palavras, gestos e ações. Em algum momento de nossa história, desenvolveu-se certa ideia de que a indignação seria um valor social nobre e necessário. Muitos pais buscavam estimular nos filhos esse sentimento por acreditarem que se trata de algo crucial na formação do seu caráter político e social. Não bastaria ser sábio ou inteligente. Seria preciso ir além: conhecer a realidade e desenvolver a capacidade de indignar-se profundamente com cada erro, imperfeição ou injustiça que presenciarem, em casa, no trabalho, na política do país. Estamos perdendo a noção importantíssima de que a forma como desenvolvemos nossos projetos é muito mais importante do que os resultados que atingimos. Como dizia Gandhi: *“você deve ser a mudança que deseja ver no mundo”*. O Mahatma é o melhor exemplo. Ele personificou a mudança que queria, e atingiu muitos dos seus objetivos. Em Gandhi, o gesto silencioso era mais veemente que a palavra.

Enfim, deveríamos ensinar nossas crianças, e a criança que existe em cada um, a atacar ou criticar apenas as ideias com as quais não concordamos, distinguindo-as das pessoas que as defendam. Discordar das ideias, respeitando as pessoas. Por mais incômodas ou abjetas que a nós aparentem ser essas ideias.

Colégio Anglo Cassiano Ricardo de Ensino Médio e Pré-Vestibular / Mantenedores:
 Anísio Spano e Saulo Daolio. Diretora: Mônica Yumi Kukita Gonçalves.
 Profª. Responsável: Sueli Brás Monteiro Palma. Revisão: Sílvia Mamede.
 Editoração: Stanlley Teixeira Lopes. Reprografia: Paulo Rogério de Faria
 Sugestões: sueli@cassianoricardo.com.br Tel. 2134-9100.
www.anglocassianoricardo.com.br - www.facebook.com/anglosaojose



Dicas gramaticais

PALAVRAS QUE CONFUNDEM

BIMENSAL/BIMESTRAL

Bimensal é empregado para algo que ocorre duas vezes no mesmo mês, quinzenal: A revista do colégio tem circulação bimensal.

Bimestral é empregado para algo que ocorre a cada dois meses: Ele foi bem nas provas bimestrais.

DESTRATAR/DISTRATAR

Destratar é o mesmo que insultar: Bons comerciantes jamais destratam seus clientes.

Distratar é o mesmo que desfazer: O negócio foi distratado por falta de más condições do local.

DÓ (UM OU UMA)

A palavra dó é um substantivo masculino, devendo ser precedido de artigo masculino: Senti um dó imenso pelo sofrimento daquela mulher.

É HORA DE ELE SAIR/É HORA DELE SAIR

Não há sujeito regido de preposição na Língua Portuguesa; portanto, a expressão correta é esta: É hora de ele sair da toca (o sujeito da frase é ele).

ESTE/ESSE

Este – próximo à pessoa que fala: Esta minha blusa é muito quente.

Esse – próximo da pessoa com quem se fala: Essa sua blusa é muito quente, tire-a.

Este – indica tempo presente ou futuro próximo: Neste mês a economia está mais equilibrada./ Esta noite irei a uma bela festa.

Esse – indica tempo passado recentemente: Essa noite não dormi muito bem.

Este – refere-se ao que será anunciado: Estes são os seus problemas: preguiça e rancor.

Esse – refere-se ao que já foi anunciado: Preguiça e rancor, são esses os seus problemas.

TER DE/TER QUE

Ter de denota ideia de obrigação: Tenho de pagar o aluguel.

Ter que denota ideia de coisa por fazer: Tenho muito que fazer hoje.

CONSTRUÇÕES EQUIVOCADAS

Eu, enquanto professor, tenho opinião diferente da sua. Só podemos utilizar a conjunção enquanto no sentido de tempo transcorrido. Correção: Eu, como professor, tenho opinião diferente da sua.

Fui no médico tirar minha pressão. A frase apresenta dois erros: Fui no médico e tirar a pressão. Correção: Fui ao consultório médico medir a pressão.

O filme foi baseado em fatos verídicos. Se é fato, só pode ser verídico; não existe um fato que seja mentira. Correção: O filme foi baseado em fatos.

Meu filho comete muitos erros de ortografia. Cuidado, pois ortografia é grafia correta. O que ele comete são erros de grafia.

O casal fez um acordo amigável ou o casal chegou a um comum acordo. Todo acordo não é amigável? Comum? O correto seria apenas: O casal chegou a um acordo.

Deus ajuda quem cedo madruga. Alguém madruga tarde? Se madruga, desnecessário o cedo.

Houve uma colisão dos partidos de esquerda para a escolha de um candidato de consenso geral. A frase apresenta dois deslizos: A primeira ao confundir coalizão que significa acordo político (união) com colisão que significa choque, conflito. A segunda, ao empregar dois termos com o mesmo sentido. Correção: Houve uma coalizão dos partidos de esquerda para a escolha de um candidato de consenso.